



"O Que Você Faria" (à esquerda), "O Corte" (à direita) e "Obrigado Por Fumar" tratam de maneira inteligente alguns dilemas dos tempos atuais



Neoliberalismo: a visão do cinema

MOACYR SCLIAIR *

Nos anos 90, ganhou muita força o chamado consenso de Washington, um conjunto de diretrizes políticas elaboradas por economistas neoliberais como forma de promover o crescimento em nosso mundo. Não era tão consenso assim; vários intelectuais apontaram os problemas que poderiam se originar de uma fórmula que, afinal, vinha de cima para baixo. Agora, três filmes que, por coincidência, entraram em cartaz quase ao mesmo tempo em

Porto Alegre, abordam o mesmo tema. São três comédias (ou sátiras, se vocês quiserem), as três abordando os aspectos que, no neoliberalismo, mais têm sido criticados: de um lado a competição exasperada, de outro a manipulação de pessoas.

Começemos por *O Corte* (*Le Couperet*), do veterano Costa-Gavras, que, em sua longa carreira, dirigiu muitos filmes tendo como alvo sobretudo os regimes ditatoriais. Costa-Gavras é pois um cineasta engajado, mas em *O Corte* ele muda de alvo e de enfoque. O personagem principal, Bruno Davert (magistral interpretação de José Garcia), é um profissional realizado e pai de família feliz, que, depois de trabalhar por 12 anos como executivo em uma fábri-

ca de papel, perde o emprego: a empresa, buscando economizar despesas, muda-se para o leste europeu. Bruno Davert ingressa na humilhante rotina dos desempregados, mandando currículos que são ignorados e submetendo-se a deprimentes entrevistas de seleção. Acaba enlouquecendo e aí põe em prática um plano macabro: investiga quem são seus possíveis concorrentes e passa a matá-los um a um.

O Corte é, como todos os filmes de Costa-Gavras, uma obra política, sem muita sutileza, mas criando um clima surrealista que lembra os filmes de Buñuel. Isto não impediu que alguns críticos vissem no filme uma obra primária, pautada nos clássicos chavões de esquerda, ainda que adaptados ao capitalismo moderno.

Falando em Espanha é de lá que vem *O Que Você Faria?* (*El Método*), dirigido pelo argentino Marcelo Piñeyro. Extraído de uma peça teatral, o filme tem como cenário quase exclusivo a sala de reuniões de uma grande empresa em Madri. Sete executivos ali disputam uma vaga; serão selecionados por um chamado método Grönholm, que usa técnicas psicológicas para jogar os candidatos uns contra os outros. O que lembra a experiência feita pelo psicólogo americano Philip Zimbardo, na Universidade de Stanford, em 1971. Zimbardo dividiu aleatoriamente um grupo de estudantes em "guardas" e "prisioneiros". Ambos deveriam conviver em uma prisão simulada no campus, o que permitiria estudar as relações de poder. Mas o experimento teve que ser interrompido ao cabo de seis dias, porque os "guardas" haviam se tornado sádicos, abusando física e psicologicamente dos "prisioneiros". Conclusão: em determinadas circunstâncias (e a competição desenfreada pode ser

uma delas), os nossos impulsos agressivos são mobilizados contra outras pessoas – com conseqüências imprevisíveis. Mas o filme tenta propor, um tanto ingenuamente, uma alternativa: enquanto os executivos disputam a vaga, a população protesta nas ruas de Madri contra uma reunião do G8, símbolo, no caso, do processo de globalização. De qualquer modo, trata-se de uma película inteligente e sutil.

Menos sutil, mas mais corrosivo, é *Obrigado por Fumar* (*Thank You For Smoking*), filme de estréia do jovem diretor americano Jason Reitman. Nick Naylor (Aaron Eckhart), porta-voz principal das grandes empresas de cigarros, ganha a vida defendendo os chamados direitos dos fumantes e usa para isto de todos os sofismas que a indústria do tabaco colecionou ao longo de muito tempo. Mas os adversários de Naylor não são muito melhores do que ele: é o caso de um oportunista senador (vividido pelo notável William H. Macy) que deseja colocar rótulos nas embalagens de cigarros, classificando o produto como veneno. Naylor então busca o apoio de Hollywood. É preciso dizer que, embora fictício, o filme se baseia em fatos reais; de fato, o fumo nos filmes representava em grande parte o resultado do marketing da indústria. Em nenhum momento Naylor parece ter problemas de consciência, ainda que as indagações de seu filho pequeno incomodem-no bastante.

Os três filmes são muito críticos do sistema. Alguém poderia dizer que, paradoxalmente, os três filmes foram produzidos dentro do sistema, baseado, afinal de contas, na democracia e na livre expressão de idéias. É uma contradição? É. Mas é uma contradição que pode ajudar a melhorar as coisas em nosso mundo.

* Escritor, membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Os Vendilhões do Templo*



A competição e a manipulação das pessoas unem os temas de três filmes recentes e mostram como o cinema acompanha as características do neoliberalismo